

PRETÉRITO PERFEITO COMPOSTO: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE EM PLM COM APLICABILIDADE EM PLE-2

Adriana Albuquerque
PUC-Rio

Resumo: Apresentamos nesta comunicação uma proposta de análise descritiva do emprego do pretérito perfeito composto do indicativo (PPC) e de sua possível intercambiabilidade com perífrases verbais formadas com os auxiliares *estar*, *andar* e *vir*, no português do Brasil, com o objetivo de tornar possível a aplicabilidade dos resultados da pesquisa no ensino de português língua estrangeira ou segunda língua (PLE-2). Assim, discorreremos sobre o PPC e as perífrases *ESTAR+GERÚNDIO*, *ANDAR+GERÚNDIO* e *VIR+GERÚNDIO* (de agora em diante, *E+G*, *A+G* e *V+G* respectivamente), tomando como base teórica os estudos semânticos sobre as estruturas de predicação (cf. Fillmore, 1977; Mateus, 1983; Peres, 1984 e Meyer, 1991). Pretendemos, aqui, a partir da análise de dois tipos de predadores, mostrar algumas restrições gramaticais que envolvem o uso do PPC, bem como as possibilidades de intercambiá-lo ou não com as perífrases verbais acima citadas.

1. Introdução

Em trabalho recente apresentado no I Encontro de Português Língua Estrangeira do Rio de Janeiro na PUC-Rio, tecemos algumas considerações sobre o PPC e as perífrases *E+G*, *A+G* e *V+G* em dois tipos de predicções não-estativos durativas, onde ocorrem predadores de processo. Foram analisados os meteorológicos e os experienciais (cf. Albuquerque, 2004). Os resultados parciais encontrados revelaram-nos que:

- a) o PPC pode apresentar na sua constituição interna valor aspectual iterativo ou durativo,
- * b) o predador, ao expressar um desses valores aspectuais, ajuda-nos a perceber se é possível ou não a intercambiabilidade com as perífrases analisadas e
- c) os argumentos, entendidos tradicionalmente, como circunstanciais temporais e complementos verbais, são fundamentais para a aceitabilidade ou não do emprego do PPC e/ou do seu intercâmbio com as perífrases *E+G*, *A+G* e *V+G*.

Nesta comunicação, apresentamos o avanço desta nossa pesquisa, mostrando o comportamento semântico dos predicadores de atividade física e de movimento no emprego do PPC, testando seu possível intercâmbio com as perífrases acima mencionadas.

2. Fundamentação Teórica – A estrutura predicativa

Segundo Meyer (1991: 42), a predicação é a descrição de um estado-de-coisas de que participam um ou mais argumentos. Estes argumentos são entendidos como elementos que estabelecem relações semânticas por intermédio de verbos e outros elementos predicadores que relacionam termos argumentais, atribuindo-lhes determinadas propriedades numa estrutura de predicação. Representam eles um conjunto de conceitos presumidamente inatos que corresponderiam ao que os seres humanos julgam ser capazes de fazer sobre os acontecimentos que os cercam; ou seja, quem ou o que os causam, atingem, afetam, em que circunstâncias os acompanham, que meios servem às suas concretizações etc.

Os papéis argumentais não correspondem, necessariamente, às funções sintáticas que exercem nas sentenças. Os componentes semânticos dos predicadores funcionam como restrições de seleção dos papéis argumentais compatíveis com as características combinatoriais das predicações. Os argumentos podem ser: paciente, agente, origem, neutro, experienciador, beneficiário/recipiente, objeto, locativo, situacional e temporal.

Ao longo dos anos, a conceitualização desses muitos papéis argumentais tem sofrido algumas alterações (cf. Meyer, 1991; Peres, 1984 e Matheus, 1983). No entanto, tais mudanças não acarretam diferenças significativas no tipo de análise que ora vimos empreendendo, pois nosso objetivo mais premente é observar o comportamento do PPC e de seus intercâmbios com algumas perífrases verbais, a partir da análise da relação semântica estabelecida entre diferentes tipos de predicadores e argumentos. Assim, esta teoria serve-nos, apenas, de base para um estudo funcional de algumas categorias sugeridas pelos autores acima citados no processo de construção de estruturas verbais com o PPC e com as perífrases E+G, A+G e V+G.

3. Proposta de análise

Tendo em vista que existe um acentuado número de predicadores, e que o trabalho aqui apresentado deve ser um recorte desta nossa pesquisa, tratamos nesta comunicação, apenas, dos predicadores não-estativos de atividade física e de movimento.

A) Predicadores de atividade física durativa - expressam acontecimentos que envolvem um argumento não-controlador, que dá origem a atividades físicas relativas a um dado objeto, relacionando-se os papéis argumentais origem e objeto dessas atividades. Assim como os predicadores experienciais, eventualmente, vêm acompanhados de argumentos temporais ou locativos, podendo, ainda, omitirem os objetos.

1) *João tem fumado (charutos) (todos os dias)*

Vejam os a realização da complementação verbal (argumento objeto) e do uso do adverbial de tempo (argumento temporal) no emprego do PPC:

- 2) **João tem fumado dois charutos.*
- 3) *João tem fumado charutos.*
- 4) *João tem fumado dois charutos todos os dias.*

Em 2, o argumento objeto utilizado com um quantificador não permite o emprego do PPC. É importante ressaltar que esta informação sobre a impossibilidade de uso do PPC com adjuntos exatos ou datas específicas é apresentada por Vannier (2003) em pesquisa sobre o referido tempo verbal. Em 3, o argumento plural, sem quantificador, permite o emprego do PPC. E em 4, o argumento temporal, indicador de frequência, *todos os dias*, que na tradição gramatical seria um termo acessório, passa a ser um argumento necessário, para a aceitabilidade do uso do PPC com argumentos objetos acompanhados de quantificadores.

Vejam os, agora, a intercambiabilidade com a perífrase E+G:

- 5) *João está fumando dois charutos.*
- 6) *João está fumando charutos.*
- 7) *João está fumando dois charutos todos os dias.*

Nos três casos acima, o emprego da perífrase E+G é possível. No entanto, em 5 e 6, o valor do PPC não é mantido. Ou seja, em 5, tem-se a idéia de que João está fumando, simultaneamente, no momento da fala, dois charutos. Em 6, é possível a interpretação de que a idéia

expressa pode ser referente ao tempo da fala ou ao tempo situacional. Apenas em 7, temos o mesmo valor aspectual iterativo apresentado pelo PPC em 4. Este valor, por sua vez, não está representado na perífrase verbal em si, mas na estrutura predicativa de valor temporal que o acompanha. É o argumento todos os dias que indica a frequência da repetição da ação, que, em alguns casos, é expressa pelo próprio PPC.

O argumento objeto *dois charutos*, em 4 e em 7, com o PPC e com a perífrase E+G, pode ser omitido. Esta condição de omissão é estabelecida pelo uso do tipo de argumento temporal que está sendo utilizado (*todos os dias*). No entanto, se temos, por exemplo, o argumento temporal *por dia* esta omissão não é possível. Ou seja, neste caso, é o tipo de argumento utilizado que determina a obrigatoriedade do uso do argumento objeto.

Vejam os:

- 8) **João tem fumado por dia.*
- 9) **João está fumando por dia.*

O valor durativo ou iterativo no PPC, segundo Ilari (1983), está relacionado às características aspectuais do predicador. No entanto, é preciso observar, não só os traços semânticos do lexema verbal, mas, sobretudo, em muitos casos, a utilização dos diferentes tipos de argumentos temporais e objetos, como observamos acima, não só, mas, sobretudo, com o PPC e com as perífrases analisadas. (cf. Costa, 1997). Vejam os o intercâmbio com a perífrase A+G:

- 10) **João anda fumando dois charutos.*
- 11) *João anda fumando charutos.*
- 12) *João anda fumando dois charutos por dia.*

Em 10, não é possível o intercâmbio, a não ser que ocorra a complementação com um argumento de tempo, indicando valor iterativo ou durativo, como é o caso de 12. Em 11, por outro lado, a intercambiabilidade é possível, contudo é preciso ressaltar que, intuitivamente, percebe-se que esta estrutura parece indicar que a intenção do enunciador é apresentar uma informação nova. Ou seja, ele aponta para a pressuposição referente ao fato de que antes João não fumava charutos, mas que, agora, no sentido de tempo situacional, ele passou a fumar charutos.

Com a perífrase V+G, temos:

- 13) *João vem fumando dois charutos.
14) João vem fumando charutos.
15) João vem fumando dois charutos todos os dias

Em 13, assim como em 10 com a perífrase A+G, devido à utilização do quantificador, o intercâmbio também não é possível, entretanto, o acompanhamento do argumento temporal todos os dias, como em 15, torna aceitável a estrutura prediativa. Em 14, percebemos a falta de informação sobre a definição de um ponto definido que dá início ao processo de fumar. Argumentos temporais, como desde o acidente, há anos ou há muito tempo, por exemplo, poderiam (ou deveriam) ser utilizados para dar mais clareza a visão retrospectiva que esta perífrase verbal carrega em si (cf. Bechara, 2004).

B) Predicadores de movimento – implicam deslocamento no espaço e se relacionam com dois argumentos. O papel argumental pode ser controlado, tendo como entidade

controladora o agente (Pedro corre), ou não-controlado, quando o papel argumental da entidade que os desencadeia é origem (A lua sobe), para animados, e objeto (O carro anda) para não-animados. Estes predicadores podem ser acompanhados por argumentos temporais ou locativos (cf. Mateus, 1983).

Vejam os exemplos com o PPC:

- 16) Pedro tem corrido.
17) *A lua tem subido.
18) As cordas vocais têm vibrando.

Em 16 e 18, o emprego do PPC é possível, independente do acompanhamento de argumentos temporais ou locativos. Contudo, em 17, em virtude da relação estabelecida entre o papel argumental não-controlado a lua e o valor semântico do lexema verbal subir, espera-se o acompanhamento de um argumento temporal que forneça à estrutura oracional sentido completo.

Vejam os exemplos:
perífrase E+G:

- 19) Pedro está correndo.
20) A lua está subindo.
21) As cordas vocais estão vibrando.

Nos três exemplos, observa-se que as construções são gramaticalmente corretas, mas o intercâmbio com a perífrase E+G, tendo por objetivo manter o valor aspectual do PPC, não é possível. Nestas estruturas, sem o acompanhamento de argumentos temporal ou locativo, o que temos são informações acerca de movimentos que ocorrem no tempo da fala.

Vejam, agora, o intercâmbio com as perífrases A+G e V+G:

- 22) Pedro anda correndo.
23) *A lua anda subindo.
24) As cordas vocais andam vibrando.

25) Pedro vem correndo.

26) *A lua vem subindo.

27) As cordas vocais vêm vibrando.

Andar e vir são verbos de movimento e, portanto, ao acompanharem predicadores que indicam movimento a aceitabilidade da estrutura oracional fica bastante fraca. Para que a intercambiabilidade com o PPC seja possível e para que tenhamos um nível de aceitabilidade maior, é necessário acrescentarmos, nos exemplos de 22 a 27, o argumentos que indicam valor aspectual durativo ou iterativo, que, algumas vezes o PPC carrega em si mesmo, dependendo do tipo de predicator, b) argumentos que indicam ponto definido do início da ação (como no caso da realização da perífrase V+G) ou c) expressões que indicam ênfase.

Vejam os exemplos:

- 28) Pedro anda correndo no final da tarde.
29) A lua anda subindo por volta das 18h.
30) As cordas vocais andam vibrando bastante.
31) Pedro vem correndo desde 1990.
32) A lua vem subindo antes de anoitecer.
33) As cordas vocais vêm vibrando desde a última cirurgia.

Caso não tenhamos o acompanhamento de argumentos, como os sugeridos acima, as estruturas prediativas serão consideradas gramaticalmente corretas, mas irão apresentar maior ou menor grau de aceitabilidade de acordo, sobretudo, com os traços semânticos do predicator.

Em 22 (Pedro anda correndo), por exemplo, podemos ter a ideia habitual de que Pedro sempre faz tudo com muita pressa, que não tem tempo para nada, e não que ele, efetivamente, execute a ação de correr.

4. Conclusões parciais

As reflexões apresentadas, aqui, a partir da testagem com os predicadores de atividade física e de movimento no emprego do PPC e das perífrases verbais E+G, A+G e V+G, confirmaram os resultados parciais a que chegamos na análise dos predicadores metrológicos e experienciais, e revelaram, ainda, que os argumentos temporais, entendidos, tradicionalmente, como circunstanciais temporais, não são fundamentos apenas para a aceitabilidade ou não do emprego do PPC e das perífrases analisadas. O uso destes argumentos, sobretudo, os que indicam duração e iteratividade, serve para estabelecermos os parâmetros que restringem as possibilidades de omissão ou não dos argumentos objetos, tradicionalmente chamados de complementos verbais.

Observamos, também, que o intercâmbio com a perífrase verbal A+G pode caracterizar o estabelecimento de pressuposições que irão expressar uma informação, relativamente, nova, que não era comum, habitual, no passado, mas passou a ser em um dado momento. Ou seja, o falante ao escolher usar esta perífrase, e não o PPC, parece ter a intenção de acentuar, em alguns casos, a pressuposição de não habitualidade do fato num tempo anterior ao momento da fala.

Enfim, tendo em vista as muitas dificuldades apresentadas pelos

aprendizes de português língua estrangeira e segunda língua (PLE-2), quando da utilização do PPC e das perfases aqui analisadas, acreditamos ser a descrição realizada em português língua materna (PLM) imprescindível para que possamos apresentar subsídios que contribuam, efetivamente, para a pesquisa linguística e para o ensino de PLE-2.

5. Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, A. (2004) "Pré-territo Perfeito Composto: emprego e possíveis intercambiabilidades". *Trabalho apresentado no I Encontro de Português Língua Estrangeira do Rio de Janeiro, PLE-RJ* realizado na PUC-Rio.
- BECHARA, E. (2004) *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. revista e ampliada, 14a reimpressão. Rio de Janeiro; Editora Lucerna.
- CAMPOS, M. H. C. (1997) O pré-territo perfeito composto: um tempo presente? In: *Tempo, aspecto e Modalidade*. Porto Editora.
- COSTA, S. B. B. (1997) *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto.
- CUNHA, Celso & CINTRA (2001) *Lindley. A nova gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FILLMORE, C. J. (1977) Em favor do caso. In: LOBATO, L.M.P. (1977) *A Semântica na linguística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro; Francisco Alves.
- ILARI, R. E MANTOANELLI, I. (1983) *As formas progressivas do português*. In.: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, UNICAMP, nº 5.
- MARQUES, M. H. D. (2001) *Iniciação à Semântica*. 5ª ed., Rio de Janeiro; Jorge Zahar. Editor.
- MASIP, V (2000) *Gramática do português como língua estrangeira*. São Paulo; EPU.
- MATEUS, M. H. M. (1983) *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra; Almedina.
- MEYER, R. M. de B. (1991) *Complementação da Forma Nominalizada deverbal sufixal e a conceitualização do complemento nominal*. Tese de doutoramento, PUC-Rio.
- PERES, J. A. (1984) *Elementos para uma gramática nova*. Coimbra; Almedina
- PRISTA, Alexander da R. (1966) *Negatives*. In: *Essential Portuguese Grammar*. New York: Dover. 42-43.
- RAMALHETE, Raquel. (1985a) *Tudo bem 1*. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro.
- (1985b) *Tudo bem 2*. Ao Livro Técnico. Rio de Janeiro.
- VANNIER, A. H. (2003) *Pré-territo Perfeito Composto em Português Língua Estrangeira*. Dissertação de Mestrado, PUC-Rio.

CONTEMPORANEIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA NO JAPÃO

Atsushi Ichinose
Universidade Sofia, Tóquio

Resumo: O objetivo deste artigo é de divulgar mais e melhor a situação atual da língua portuguesa no Japão e a nova realidade que essa língua trouxe ao povo japonês a fim tanto de desenvolver o ensino do português nesse país como de determinar, com maior precisão, a posição dessa língua no mundo de hoje..

Até os dias de hoje, quando se trata, no Japão, da língua portuguesa, a primeira coisa que se recorda é o fato de que ela foi a primeira língua ocidental com que o povo japonês teve contacto e deixou na língua japonesa alguns vocábulos ainda hoje utilizados. Este acontecimento histórico entre as duas línguas continua, ainda hoje, a possibilitar-nos referir aos quinhentos anos de amizade luso-japonesa nos meios diplomáticos e provocar o interesse dos alunos da escola secundária pela aprendizagem do português nas universidades. No entanto, como já se mencionou acima, analisarei sucintamente a situação atual da língua portuguesa e falarei da "usofonia" emergente do Japão, o que eventualmente contribuirá para traçar uma perspectiva do futuro dessa língua no mundo. Isso significa que irei afastar da visão retrospectiva e assumir a visão mais futurista.

Primeiro, descreverei a posição da língua portuguesa no ensino escolar do Japão. Conforme as novas pesquisas, depois da derrota sofrida na Segunda Guerra Mundial, o Japão começou a considerar-se um país de única nação e de única língua. Para muitas pessoas, inclusive os intelectuais e políticos, quem vive no país de sol nascente e falá a língua japonesa continuava, durante décadas, a ser japonês. Neste Japão do pós-guerra, o ensino do inglês é obrigatório em nível colegial e secundário, e quase a totalidade dos estudantes nas universidades continua a aprender essa língua como uma língua estrangeira. Embora seja possível escolher o francês, alemão ou espanhol como uma segunda língua estrangeira no ensino universitário e algumas escolas privadas de nível secundário, o predomínio do inglês nas escolas japonesas é mais do que nítido. Assim sendo, para o povo japonês em geral,